

A PRÁTICA LITERÁRIA E A ILHA

Celia pedrosa e Ida Alves (Org.). *Sobre poesia: outras vozes*.
Rio de Janeiro: 7letras, 2016.

Aline Rocha de Oliveira
UFF

RESUMO: A antologia *Sobre poesia: outras vozes*, publicada pela Editora 7Letras e organizada pelas críticas literárias Celia Pedrosa e Ida Alves, traz uma amostra do panorama da produção poética e da crítica desenvolvidas na contemporaneidade. Reunindo nove jovens escritores da atual cena literária brasileira, portuguesa, argentina e mexicana, a heterogeneidade dos escritos e das abordagens teóricas tem um caráter experimental. A seleção demonstra, em suma, um estímulo a novos impulsos criativos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura contemporânea. Crítica contemporânea. *Sobre poesia: outras vozes*.

LITERARY PRACTICE AND THE ISLAND

ABSTRACT: The anthology *Sobre poesia: outras vozes*, published by 7Letras and edited by the literary critics Celia Pedrosa and Ida Alves, brings a sample of the poetic production scenario and of the criticism developed contemporarily. Gathering nine young writers of the current Brazilian, Portuguese, Argentinean and Mexican literary scenes, the heterogeneity of the written and of theoretical approaches has an experimental character. The selection shows, in short, a stimulus to new creative impulses.

KEYWORDS: Contemporary literature. Contemporary criticism. *Sobre poesia: outras vozes*.

Aline Rocha de Oliveira é doutoranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense

A PRÁTICA LITERÁRIA E A ILHA SOBRE POESIA: OUTRAS VOZES

Aline Rocha de Oliveira

Há que se impelir na imaginação o movimento que conduz o homem à ilha.
Gilles Deleuze, “Causas e razões das ilhas desertas”

Uma ilha, como sabemos, é um prolongamento de relevo cercado de água por todos os lados. Sem ligações diretas com o continente, apresenta dificuldades àqueles que enfrentam ultrapassá-la. É imensa, isso é certo, mas as possibilidades para além são ainda maiores. No imaginário da cultura ocidental, é comumente representada como um lugar distante, misterioso, inóspito, quase impalpável. Ou então cercado de sereias, habitado por crianças eternas, minotauros. Talvez possamos inferir que a ilha seja o lugar no qual o contato humano é, se não impossível, dificultado. E por isso mesmo é necessário que nos desloquemos até lá. Deleuze dirá que “sonhar ilhas, com angústia ou alegria, pouco importa, é sonhar que se está separando, ou que já se está separado, longe dos continentes, que se está só ou perdido; ou, então, é sonhar que se parte do zero, que se recria, que se recomeça.”¹ A prática literária, assim como a ilha, não nos deixa esquecer que há um exterior a ela que a caracteriza e recria. Há, em ambas, um corpo sempre prestes a chegar.

Ao chamar para si o entorno que a cerca, a prática literária, em sua existência, dissipa os limites que a separam deste entorno. A vida cotidiana, os resquícios biográficos, as reminiscências do território: tudo isso é não apenas material para execução, mas o fazer literário em si. Na esfera da sua produção, recepção e nos modos de visibilidade que inventa, se desenvolve no âmbito coletivo. Esse é um dos motivos que fazem com que possa ser analisada sob prismas que a considerem não a partir de fatores que lhe atribuam uma suposta unidade ou que a tomem tendo por princípio os paradigmas da individualidade, mas sob uma perspectiva que a compreenda por meio dos

¹ DELEUZE, Gilles. Causas e razões das ilhas desertas. In: LAPOUJADE, David (Org.). *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 7.

trânsitos que ela mesma promove, seja em relação à sua materialidade e ao diálogo criado com outros modos de manifestações artísticas, seja vinculada às práticas coletivas que a regem. O atual contexto teórico e artístico, que planeja desfazer os limites da ilha, tem essas questões e problemas em seu cerne, o que dá espaço a reflexões que desembocam em trabalhos como a antologia *Sobre poesia: outras vozes*, organizada por Celia Pedrosa e Ida Alves. Esta antologia, por certo, faz parte do incansável esforço empreendido pelas críticas no estudo da poesia portuguesa, brasileira e latino-americana contemporânea, de que são exemplos, entre outros, *Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea* (2008) e *Crítica de poesia: tendências e questões. Brasil-Portugal* (2015), ambos publicados também pela Editora 7Letras.

Reunindo textos de jovens escritores dedicados tanto ao ofício da crítica quanto ao da produção literária, sem que hierarquizações sejam estabelecidas entre ambas as formas, *Sobre poesia: outras vozes* oferece aos seus leitores uma amostra de exercícios de leitura e de escrita tão imprevisíveis como competentes que problematizam a escritura, criando pontes e expandindo as concepções do poético e do crítico. Dividido em duas seções, uma composta por ensaios e outra por poemas, o livro coloca em xeque as próprias categorias que delimitam essas formas de fruição criativa, trazendo à tona a ideia de “poeta-crítico”, que é recorrentemente relacionada à modernidade, mas que aqui se tensiona diante das possibilidades e questões do contemporâneo, a saber: a problematização da contiguidade entre o verbal, o sonoro e o visual; as formas de performance poética; a práxis da vida literária; o empenho do corpo diante do material poético; as inquietudes estabelecidas entre o exterior e o interior do texto.

A coletânea conta ainda com o posfácio de Marcos Siscar, intitulado “Uma antologia experimental”. Nele, o crítico apontará nesses escritos a auspiciosa articulação de “objetos alternativos para a realização poética” que cria uma estética pautada na instabilidade. A orelha de Ítalo Moriconi também anuncia a heterogeneidade vocacional do grupo de escritores que compõe o livro: “professores, pós-graduando, escritor-artista experimentado, escritor-artista que é artista em processo de, professor ou pós-graduando que é escritor artista experimentado.” É notável que os nomes da seleção demonstram um estímulo aos novos impulsos críticos que vêm surgindo na cena contemporânea: Adriano Scandolara, Golgona Anghel, Leonardo Gandolfi,

Lucas Matos, Maricela Guerrero, Marília Garcia, Nurit Kasztelan, Reuben da Rocha e Ricardo Domeneck. Mas, apesar da riqueza de dicções presente na antologia, Siscar é certeiro em seu posfácio ao afirmar que o objetivo da coletânea é menos o de identificar variedades das tendências contemporâneas, do que o de apresentar potências criativas e interpretativas *em processo*. Daí o caráter experimental das composições textuais e do livro, ele mesmo.

Temos nesta coletânea uma amostra de escrituras que almejam o risco e que expõem essa pretensão nas estratégias de articulação de materiais diversos para a composição escritural; na ousadia dos deslocamentos comparativos — a exemplo da inusitada leitura de Leonardo Gandolfi que aproxima Camões, Ruy Belo e Cesar Aira; e do diálogo criado por Maricela Guerrero entre elementos como o *beatus ille* horaciano e a banda grunge Pearl Jam —, bem como nas temáticas que rechaçam garantias e manuais. Como no poema de Adriano Scandolara, cuja epígrafe remonta ironicamente a uma passagem de comercial dos anos 90 da Semp Toshiba em que um possível locutor atesta a garantia de seus produtos corporificando, ele mesmo, o que é garantido: “no necesitas garantía, la garantía soy yo”. Ou ainda, como no poema de Golgona Anghel, que faz remissão a um manual de instruções não lido até o fim porque a intuição é mais forte.

Tema também recorrente, o corpo se confunde com o texto no poema de Nurit Kasztelan, que conta sobre uma mulher que perdia o braço à medida que moía o aipim, num movimento similar à diluição corpórea da poeta enquanto escreve. Algo equivalente ocorre no poema de Reuben Rocha, em que a palavra se acopla ao corpo e se abriga entre a pele e o que a separa do mundo em forma de “dizeres mágicos levados junto ao peito embaixo da camisa”.

Dentre os aspectos que reforçam a já apontada heterogeneidade presente na antologia, chama também a atenção o entrecruzamento de idiomas no compilado de textos, o que ocorre, por um lado, devido à variedade de nacionalidades dos autores publicados — brasileira, portuguesa, mexicana, argentina — e, por outro, como reflexo de projetos estéticos que estão em diálogo e que compartilham noções que abdicam de qualquer forma de unicidade, entre elas a unicidade idiomática. Como consequência disso, identificamos formas diversas de traduzibilidade no decorrer dos textos, sejam ensaísticos ou poéticos. Os amores políglotas de Ricardo Domeneck. Os barulhos delineados na página por Lucas Matos.

Houve uma virada processual na execução da arte e do pensamento no último século. A tentativa de traçar lugares e cartografias é sempre de natureza relacional, como bem elaborado na poética de Marília Garcia, que passeia com seu interlocutor traçando territórios em seu complexo e misterioso mundo das correspondências. Para Deleuze, a sobrevivência na ilha deserta é uma experiência do recomeço, uma experiência que retoma a origem e a *diferença* — já que a ilha deserta, por essência, “é apenas mitológica e não geográfica”², a consciência extrema da terra e do oceano. “Há que se impelir na imaginação o movimento que conduz o homem à ilha” é a epígrafe que abre este breve ensaio. A ilha, para Deleuze, é a possibilidade mitológica de criação e recriação do mundo. Há que se impelir o movimento até ela. O conjunto de textos de uma antologia é esta ilha deserta povoada.

Recebido em: 19 de agosto de 2016
Aceito em: 12 de outubro de 2016

² DELEUZE, Gilles. *Causas e razões das ilhas desertas*, op. cit., p. 9.